**ABRE aspas:**

*O presidente da Sociedade Rural Brasileira, Luís Marcos Suplicy Hafers, mostra-se moderadamente confiante nos resultados esperados da nova safra de verão, cujo plantio tem início agora. Os preços em geral estão baixos, mas há indícios de que o produtor poderá encontrar mercado favorável para o algodão e para o milho, entre outros produtos. O problema da dívida não está resolvido e na sua opinião são os agricultores que mais produzem que mais estão endividados. Mas Hafers acredita que a prorrogação das parcelas que vencem este ano e a admissão por parte do governo do recálculo, que reduziria o montante da dívida em 30% e até 60% em alguns casos, poderia reanimar as intenções de plantio. "Afinal", diz ele, "o agricultor não pode parar". Abaixo, a entrevista.*

# O campo não tira férias

NIVALDO MANZANO



*Hafers: é preciso produzir o que se vende, e não vender o que se produz*

■ *Quais as perspectivas para a nova safra?*

— A nova safra preocupa tanto em área quanto em produtividade. Veja-se o caso da soja, por exemplo. Os preços estão muito baixos, os agricultores estão descapitalizados. A ameaça americana de aumentar enormemente os subsídios não entusiasma os brasileiros a aumentar o plantio, que pode até diminuir. Os produtores recebem um subsídio de US$5,20 por saca e nós vendemos a US$4,40. Ou seja, somos suficientemente competentes para competir com a agricultura dos outros, mas não somos suficientemente ricos para competir com o Tesouro norte-americano.

No caso do algodão, vejo a possibilidade de uma melhora: somos ainda importadores, mas temos vantagem; por isso, acredito que haverá uma grande expansão no plantio do algodão. O milho é uma cultura que desperta interesse, porque a sua posição estatística está apertada. Se formos importar, vamos pagar entre R$10,00 e R$11,00 o saco posto aqui. Isso é suficiente para estimular um pouco o plantio.

Mas é preciso considerar que hoje, início de setembro, com uma seca terrível e com o problema da dívida não resolvido, uma discussão com o Banco do Brasil complicada, o entusiasmo não é grande. Que se vai plantar, não há dúvida, pois o agricultor não sabe fazer outra coisa e não pode parar de plantar. Mas a situação não é de entusiasmar. A continuar como está, não será fácil chegar aos 100 milhões de toneladas, como espera o governo.

■ *Há recursos disponíveis para o financiamento da safra?*

— A maior parte da safra é financiada pelo próprio agricultor, outra parte pelos vendedores de insumos e outra ainda pelo Banco do Brasil. Acontece que quem deve mais é quem planta mais. A dívida não é simétrica. E são os grandes produtores que estão mais apertados. Se não houver – e parece que não vai haver um aumento da participação dos agentes privados

no financiamento, a situação do crédito vai ficar difícil. A situação da indústria de fertilizantes já está muito apertada, segundo se informa; a dolarização nos pegou numa situação mais difícil do que eu imaginava e os grandes compradores de soja estão mais cautelosos por causa dos preços baixos, que elevam o risco deles. Esta é, pois, uma época de mais preocupação. Pode ser que, com a chegada da primavera, a chuva e o cheiro de terra molhada, a animação seja outra. Portanto, eu concluo que, se o desempenho da próxima safra for igual ao do ano anterior, o resultado será considerado bom.

■ *Como está o nível de endividamento do produtor?*

— O endividamento do produtor brasileiro é modestíssimo em relação a seu patrimônio e a seu volume de produção. Quando, porém, se atenta para os custos, observa-se que o crédito do governo, de 8,75% ao ano, não é barato. Da mesma forma o crédito dos vendedores de insumos, em torno de 18% a 20% mais a correção cambial, é caríssimo, enquanto nossos concorrentes lá fora pagam de 3% a 4% em dólar. O capital econômico e financeiro do produtor está sendo dilapidado. As máquinas estão obsoletas, seu padrão de vida está desabando e a dívida aumentando. Além disso, segundo o índice do *The Economist*, os preços estão 43% mais baixos que há 15 anos. Nessa toada, não vamos ter dinheiro sequer para importar o que é necessário. Cabe aos condutores da política econômica ter uma visão mais política que contabilista da realidade. Isso me preocupa. Nós, da agricultura, não temos o beneplácito da dúvida da população urbana. A esquerda ainda nos vê como coronéis, latifundiários etc, enquanto estamos longe disso: a agricultura é um negócio como qualquer outro. Não se trata mais de uma atividade proprietário-extrativista, e sim de uma atividade técnica, gerencial e de conversão.

■ *É possível concorrer com os subsídios praticados lá fora?*

— Além da soja, observe a situação do açúcar. Estamos exportando açúcar por cerca de US$150,00, enquanto o subsídio na Europa é de US$560,00. Os americanos impõem uma taxação de US$500,00 por tonelada de suco de laranja, que vale US$1.200,00, além de estabelecerem uma quota ridícula para o nosso açúcar. No caso do fumo, produto que tem no Brasil um de seus maiores exportadores, a mesma coisa.

■ *O sr. está dizendo que o liberalismo não funciona para a agricultura?*

— Exatamente. Não funciona para nós. Mas pensar a partir daí que se deva subsidiar a produção, não. O subsídio não é necessário. Basta um entendimento maior do que seja a agricultura.

■ *A mudança ministerial vai contribuir para esse entendimento?*

— Certamente. O ministro Pratini de Morais tem uma visão mais global, não produtivista da agricultura. Existe hoje um clima que nos permite explicar ao governo o que está acontecendo. Tanto mais que deixamos de lado nosso próprio cacoete, que era considerar a agricultura em termos de tutela governamental e não de parceria.

■ *A "marcha da produção" serviu para alguma coisa?*

— Sem dúvida. Serviu pelo menos para criar uma perplexidade no governo, que achou que podemos ter razão quanto ao problema da dívida. Se tivermos razão na questão da dívida, será que não temos razão em relação a outras questões? No passado e neste governo a única coisa que funcionou para a agricultura foi a lei Kandir, que permitiu compensar o atraso no câmbio. É preciso considerar que a agricultura é segurança cambial, porque ela é responsável pelos saldos positivos na balança comercial; é segurança social, porque é a atividade que mais emprega com menos capital; e é segurança alimentar, algo para o que não se dá muita importância, porque a fome no Brasil resulta da falta de renda e não de alimentos. Ainda assim a segurança alimentar é importante sob o aspecto do aumento do custo de vida e combate à inflação.

> A FGV mostrou que com o recálculo a dívida cairia cerca de 30%, havendo casos em que chega a 60%. Proponho que haja prorrogação das parcelas vincendas neste ano. Eu me insurjo contra o calote ou o perdão. Não estamos pedindo favor algum ao governo.

■ *A "marcha da produção" terá significado algo mais que isso?*

— Sim, pois ela chamou a atenção para o poder de arregimentação dos agricultores, ao catalisar a insatisfação. Serviu para mostrar que a situação é mais grave do que se imaginava na "estação espacial" de Brasília. Deixamos claro para toda a nação que não somos contra a estabilidade. Ela é fundamental para o desenvolvimento, mas não basta. E a marcha serviu ainda para chamar a atenção para as distorções que estão ocorrendo na agricultura. O que precisaria ter ficado igualmente claro para a opinião pública é a situação da agricultura familiar, que assegura a renda da família do produtor numa área que pode variar de 10 a 15 hectares, por exemplo, e cuja atividade representa uma alternativa para o desemprego na cidade. Ela pode não ser totalmente eficiente do ponto de vista econômico, mas é suficientemente econômica para assegurar um benefício social. É isso que o economista rural não entende.

■ *A concentração da propriedade não é inevitável, como fenômeno decorrente dos ganhos de escala?*

— Isso é conversa de economista que foi estudar nos EUA e pensa que seu nome é John. Falo com base na minha experiência na técnica de superadensamento no plantio de café, na qual sou um dos pioneiros. Recebi o título de cidadão paranaense por ter demonstrado que um agricultor competente pode produzir 200 sacos de café limpo em cinco hectares, usando a mão-de-obra familiar, o que lhe garante uma renda bruta de R$15 mil por ano. É claro que a agricultura familiar não é viável em se tratando de soja e milho. Mas pode ser viável em fruticultura e outras atividades. Por isso digo que os programas do governo voltados para a agricultura familiar estão na direção certa. Falta-lhes apenas eficiência: o

dinheiro sai de Brasília mas não chega às mãos do pequeno produtor. Parte da responsabilidade cabe ao Banco do Brasil, que nesse contexto é um entrave terrível. Deram-lhe a missão de ser um banco rentável ao mesmo tempo que se lhe exige a função de banco de fomento: as duas são incompatíveis.

■ *Qual a sua expectativa em relação ao encaminhamento do problema da dívida?*

— Não sei. Mas acho que a disposição do governo de admitir o recálculo seria suficiente. A FGV mostrou que com o recálculo a dívida cairia cerca de 30%, havendo casos em que chega a 60%. Proponho que haja prorrogação das parcelas vincendas neste ano enquanto se discute a questão. Eu me insurjo contra o calote ou o perdão. Sou pela negociação, porque não estamos pedindo favor algum ao governo.

■ *Estaria faltando apoio da opinião pública para os pleitos da agricultura?*

— No Brasil prevalece uma mentalidade urbanóide. O cidadão urbano vai para o campo descansar e pensa que o agricultor está fazendo a mesma coisa. Essa mentalidade vem de uma visão cepalina do desenvolvimento, que era antiagricultura, e de uma visão esquerdista, antiagricultura, por atribuir aos coronéis um poder que nunca tiveram. O que ocorreu, de fato, no Brasil foi uma enorme transferência de renda do campo para a cidade. Se os produtores rurais detivessem o poder que se atribuiu a eles, a agricultura não estaria na situação em que se encontra. O que falta hoje, isso sim, é um esforço das lideranças rurais para fazerem uso dos mecanismos de relações públicas. Mas é verdade também que está havendo uma revolução cultural. Anteriormente, eu era visto como um ET e hoje sou visto apenas com espanto. Já é uma melhora.

■ *Como o sr. avalia as metas do governo de aumentar as exportações de produtos agroindustriais?*

— Em conversa com o ministro Lampreia, ouço-o queixar-se da solidão do negociador. É verdade que a agricultura vinha de uma situação de tutela, na qual o governo estabelecia o preço mínimo e dava o crédito subsidiado, levando o agricultor a voltar para casa satisfeito. Hoje, a situação é outra. Temos de lutar. Por isso, a questão do protecionismo e das negociações no comércio internacional foram mal cuidadas por ausência nossa. São problemas que não são fáceis de resolver, mas se tornariam muito mais difíceis se os agricultores não se envolvessem.

■ *O que o sr. espera das próximas negociações internacionais?*

— O fato mais importante é que a democracia está ameaçada na América Latina, do México à Argentina. A pobreza no campo, que gera instabilidade, é resultado direto do protecionismo europeu. A negociação na Organização Mundial do Comércio será muito dura, mas temos um ativo fantástico, que é o nosso mercado. O mercado parece um bem abstrato, mas é do maior interesse. Confio em que o Itamaraty saberá negociar bem.

*A agropecuária está pronta a responder a um estímulo da demanda vindo de fora?*

— Temos obtido brutais ganhos de produtividade. Exemplos: a nova cafeicultura do Oeste baiano colhe em média 70/80 sacas, contrastando com a média brasileira de 15 sacas. Na pecuária bovina, estamos obtendo 7,5 arrobas por ano, contra 3,6 arrobas anos atrás. No algodão, estamos produzindo mais de 200 arrobas por hectare. A produção da pecuária leiteira aumentou 30% em uma década, fruto do aumento da produtividade. Pense-se também nos ganhos obtidos na avicultura e em muitas outras atividades. São todos impressionantes. Podemos aumentar ainda mais a produção e a produtividade com pequeno aumento da área. Além disso, é preciso considerar que está havendo um enorme esforço em direção à melhoria da qualidade. Com o controle da febre aftosa, por exemplo, a carne brasileira vai obter um preço de 20% a 30% acima do que se paga por ela atualmente, da mesma forma que o café de melhor qualidade alcança um preço de 15% a 20% superior.

> Os produtores recebem um subsídio de US$5,20 por saca e nós vendemos a US$4,40. Ou seja, somos suficientemente competentes para competir com a agricultura dos outros, mas não somos suficientemente ricos para competir com o Tesouro norte-americano.

■ *Em São Paulo está se vendendo café pronto para coar importado. O que o sr., cafeicultor, acha disso?*

— Nós exportamos a pouco mais de US$100,00 o saco e importamos o mesmo café a US$500,00. Mas a diferença é que a empresa que está fazendo isso não está vendendo café, mas satisfação. Trata-se de uma empresa craque do *marketing*, que compra o melhor café pagando 20% mais e vendendo quatro vezes mais caro. Aí entra a consideração abstrata: como o café é um negócio barato, o negócio não é vender bebida e sim vender prazer. Quanto vale o prazer? Quanto vale uma xícara de café por hábito e uma xícara de café por prazer? O bom café puxa mais uma xícara e conquista, assim, a satisfação do cliente.

■ *O que falta ao empresário brasileiro para enxergar o mesmo negócio?*

— O problema é que somos patrimonialistas. Como cafeicultores, gostamos de tijolo, de terreiro, de saco de aniagem. Não sabemos medir o abstrato, o prazer, a satisfação. Vi outro dia o caso de um vendedor de uma fábrica que foi despedido porque iria ganhar mais que o diretor da fábrica. Uma prova de que não entendemos a importância do *marketing*. Meio século de inflação tolheu-nos a visão do *marketing*. As coisas eram compradas, não eram vendidas. Comprava-se hoje porque amanhã custaria mais caro. Acabou a inflação, mas as pessoas parecem não se terem dado conta de que a situação é outra. Antes, mandava no negócio o homem da produção; no tempo do *overnight*, passou a mandar o homem das finanças; hoje, manda o homem de *marketing*. O processo começa na decisão do consumidor: é preciso produzir o que se vende, e não vender o que se produz. O agricultor precisa entender isso.